



Luana Piovani inicia mudança: 'O Brasil não oferece dignidade'



Hamburgueria inspirada em Harry Potter tem data para inaugurar em São Paulo...



'Fiz o procedimento na minha casa. Sinto uma dor insuportável', diz ex-paci...



As lendas do metrô de Moscou



BLOGS

P de Pop

De antena ligada nas HQs, cinema-pipoca, RPG e afins



'Estado Itinerante': um curta arrebatador reafirma a força mineira no Festival de Brasília

Rodrigo Fonseca
25 Setembro 2016 | 12h27

SIGA O ESTADÃO



Lira Ribas em "Estado Itinerante": catarse

RODRIGO FONSECA

Estão danados os mineiros do cinema. Embora o título favorito ao Candango de melhor filme de Brasília, até este momento, seja uma investigação com CEP do DF sobre genocídios indígenas (*Martírio*, de Vincent Carelli), é Minas Gerais quem mais anda brilhando neste festival. Depois de brilhar na noite de sexta com o longa *A Cidade Onde Envelheço* e com o pequeno (25 minutos) grande *Constelações*, a esquadra mineira ainda emplacou um curta-catarse, que lavou almas e enxaguou olhos em sua reflexão sobre a condição feminina: *Estado Itinerante*, de Ana Carolina Soares. Foi uma ovação o fim de sua projeção, deflagrando apostas para um potencial (e merecido) prêmio de melhor atriz para Lira Ribas.

Numa narrativa de trânsito, concentrada no esforço de autoafirmação de uma mulher oprimida por uma relação violenta, Lira é Vivi, uma trocadora de ônibus em formação que busca se ausentar de um mundo agressivo. As intolerâncias de seu motorista – este só expresso em voz e em turras – reiteram os laços com a brutalidade que Vivi trouxe consigo. Mas o contato com outras mulheres e um banho de descarrego num bar, ao som de Guns'n'Roses (sequência de um vigor dramático elevado à enésima potência) dão a ela (e a nós, plateia) um novo estímulo.

Ontem, MG ainda fez bonito entre os longas com *Elon Não Acredita na Morte*, um thriller (ou quase isso, vide sua musculatura existencialista) sobre um *looser* (Rômulo Braga) em busca do paradeiro de sua mulher. Clara Choveaux iluminou a telona do Cine Brasília no papel de uma *femme fatale* que embaralha ainda mais a percepção de Elon em sua investigação. Mas o melhor foi ver Lourenço Mutarelli em cena, numa participação como o primeiro marido (ou coisa do tipo) da desaparecida. É na fotografia de Matheus Rocha que o longa tem o seu melhor, em enquadramentos de corpo a corpo com Rômulo, em andanças a esmo por labirintos de mistério.

Nesta segunda, uma avassaladora experiência ficcional sobre a resistência do teatro (e da Arte, no maiúsculo) fecha a competição de longas: *Deserto*, primeira (e afrodisíaca) incursão do ator Guilherme Weber na direção, com grandes atores em cena. Sua base é o livro *Santa Maria do Circo*, de David Toscana, e sua trama segue o périplo de uma trupe teatral de almas danadas por uma cidade fantasma. Lima Duarte interpreta o dirigente do grupo, cujos integrantes foram oferecidos a potências dramáticas como Magali Biff, Cida Moreira e Márcio Rosário.

Fora da seleção oficial, na seção Mostra Brasília, dedicada às pratas da casa, o festival se

deleitou (e nos presenteou) com **Cícero Dias – O Compadre de Picasso**, de Vladimir Carvalho. Nele, o maior mestre do documentário brasileiro em atividade hoje no país promove uma investigação sobre o Modernismo a partir das andanças do pintor pernambucano que saiu do Brasil em pleno Estado Novo para trocar ideias sobre estética e sobre identidade com alguns dos maiores artistas plásticos da Europa.

Mais conteúdo sobre:

[Estado Itinerante](#)

[Martírio](#)

[Festival de Brasília](#)

[Elon Não Acredita na Morte](#)

[Constelações](#)

[Rômulo Braga](#)

[Cícero Dias - O Compadre de Picasso](#)

[Vladimir Carvalho](#)



O furacão Andréia Horta torna ‘Elis’ um espetáculo emotivo

Rodrigo Fonseca

23 Novembro 2016 | 13h37

SIGA O ESTADÃO



Andréia Horta é Elis: prêmio de melhor atriz em Gramado

RODRIGO FONSECA

É raro, na história do cinema brasileiro, haver unanimidade de aplauso e elogios acerca de uma interpretação, com raras exceções como **Fernanda Montenegro** em **Central do Brasil** (1998); **Marília Pêra** em **Pixote, a Lei do Mais Fraco** (1981); **Regina Casé** em **Que Horas Ela Volta?** (2015); **Fernanda Torres** em **Terra Estrangeira** (1995). **Andréia Horta** passa a fazer parte deste clubinho seleta, de atuações de brio incontestável, com **Elis**, que chega às telas com fôlego para virar um dos maiores sucessos nacionais de 2016, fechando o ano de *blockbusters* pelas vias do drama e da cinebiografia neste período no qual a comédia brasileira passa por um chão arenoso, cheio de obstáculos. No último **Festival de Gramado**, em agosto, ela e todo o (belo) filme de **Hugo Prata** sobre a cantora Elis Regina (1945-1982) foram ovacionados como raras vezes se viu um filme ser ovacionado por lá. E, de quebra, a mineirinha de **Liberdade, Liberdade** (um baita sucesso televisivo) recebeu o **Kikito** por sua devastadora composição, que vai além do mimetismo.

Laureado em Gramado ainda com o prêmio de júri popular e o troféu de melhor montagem, **Elis** vai se desenhando como uma cinebiografia clássica, resgatando passos e precipícios de uma das maiores aves canoras da MPB até trocar de trilhos, optando por um caminho menos calcado em fórmulas de gênero e mais profundo. Está lá, bonitinho, fato a fato, emoção a emoção, a trajetória da Pimentinha pelos palcos, mas, a uma certa altura, o factual dá lugar uma dimensão mais introspectiva sobre a solidão de uma artista, de tamanho GG no imaginário brasileiro, mas de tamanho PP no quesito autossatisfação. Ali, num procedimento que lembra o eterno **Round Midnight (Por Volta da Meia-Noite)**, de **Bertrand Tavernier**, a cantora deixa a condição de mito pra ganhar status de gente, demasiadamente humana (e bela), ao mesmo passo em que a fotografia de **Adrian Tejido** vai se permitindo mais e melhores blues no controle do foco e no jogo com a luz.

Prata consegue preservar o trajeto de ascensão à queda sem que o filme caia de ritmo, tendo Andréia como aríete para seguir em frente. O elenco ao lado dela alimenta a fomalha da atriz com atuações provocativas, sobretudo a de Julio Andrade como o performer **Lenny Dale** e a de **Lúcio Mauro Filho** (surpreendente) como **Miéle**. Como existe o amor – e a vida, sua inimiga –, o diretor escalou dois grandes atores para dar alma às maiores paixões de Elis: **Gustavo Machado** faz um **Ronaldo Bôscoli** chave de cadeia e **Caco Ciocler** faz um **César Camargo Mariano** açucaradamente companheiro. Um

não erra na dose da cafajestagem, nem o outro excede no mel. Um representa a margem do risco e o outro a margem da segurança. Mas esse bêbado equilibrista chamado coração nem sempre se satisfaz com nenhuma dessas instâncias, como Elis comprovou em sua trajetória curta, mas luminosa nos palcos.

E de hit em hit, as memórias dela, revividas numa operação cinematográfica de imersão no fino da fossa leva o público ao prazer, pelas franjas da comoção.

Mais conteúdo sobre:

[Elis](#)

[Andréia Horta](#)

[Hugo Prata](#)

INSTITUCIONAL

[Código de ética](#)

[Política anticorrupção](#)

[Curso de jornalismo](#)

[Demonstrações Contábeis](#)

[Termo de uso](#)

ATENDIMENTO

[Correções](#)

[Portal do assinante](#)

[Fale conosco](#)

[Trabalhe conosco](#)

CONEXÃO ESTADÃO

[Broadcast](#)

[Broadcast político](#)

[Aplicativos](#)

HOJE

[Acervo](#)

[PME](#)

[Jornal do Carro](#)

[Paladar](#)

[Link](#)

[iLocal](#)

[Agência Estado](#)

[Rádio Eldorado](#)

[Rádio Estadão](#)

[Planeta Digital](#)

[Moving Imóveis](#)

 ESTADÃO



Copyright © 1995 - 2018 Grupo Estado